Revista Saberes & Práticas
ISSN 2596-013X
SABERES& PRÁTICAS

MEMORIAL: VIVÊNCIAS EM UMA VIDA DOCENTE

Memorial: Experiences in a teaching life

Mariana Serrão dos Santos[1]
Carla de Souza Santos Gonçalves[2]

Resumo
Neste memorial apresento um pouco de minha trajetória acadêmica e profissional, minhas experiências e vivências coletadas durante minha vida docente e principalmente minha participação e contribuições no curso de especialização: Gestão de Projetos e Formação Docente, realizado no Centro Municipal de Jovens e adultos, Samuel Isaac Benchimol. Localizado na zona Leste de Manaus. Curso este, oferecido pela Secretaria Municipal de Educação em parceria com a Universidade Estadual do Amazonas aos professores da Semed e aos alunos egressos da universidade das diversas licenciaturas. No qual apresento o projeto formativo da escola, bem como, as ações formativas realizadas durante este período de 2 anos do curso. Para tal, faço uso de meus registros, fotos e lembranças remanescentes deste período e a bibliografia trabalhada durante a formação.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem; Cultura maker; EJA; Plantas medicinais.

Abstract
In this memorial I presente a little of my academic and professional trajectory, my experiences collected during my teaching life and mainly my participation and contributions in the specialization course: Project Mamagement and Teacher Training, help at the Municipal Center for Youth and Adults, Samuel Isaac Benchimol, located in partnership whith the State University of Amazonas to Semed teachers and students graduating from the university from various degrees. In which I presente the school's training Project, as well as the training actions carried out during this 2-year perod of the course. To this end, I make use of my records, fotos and memories remaining from this period and the bibliografhy worked on during training.

Keywords: Teaching-learning; Maker culture; EJA; Medicinal plants.

[1] Graduada em Ciências Naturais (UFAM). Pós-graduanda em Gestão de projetos e Formação Docente (UEA/SEMED). E-mail: marianaserraoviana@gmail.com
[2] Mestre em Ciências da Educação (UNIDA – PY). Professora formadora das Oficinas de Formação em Serviço (DDPM/SEMED). Graduada em Educação Artística com ênfase em Desenho (UFAM). Especialista em Gestão e Docência do Ensino Superior (UNICEL), E-mail: carlasantosg.artes@gmail.com

Considerações iniciais

No presente memorial eu relato os meus caminhos, ao iniciar com a identificação do meu nome de Mariana Serrão dos Santos, nascida em Manaus, mas logo me mudei para Autazes junto com a mãe, permanecendo até a conclusão do Ensino Médio. Tenho 26 anos, casada, formada em Ciências Naturais pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), professora há cinco anos. Atualmente, leciono Robótica Educacional e Cultura *Maker* no Centro Educacional Mundo do Saber, com atendimento às crianças da Educação Infantil ao Ensino Fundamental anos iniciais. E, fiz parte da turma de professores do curso de Pós-graduação em Gestão de Projetos e Formação Docente, do Projeto Oficina de Formação em Serviço (OFS) – realizado pela Secretaria Municipal de Educação de Manaus (SEMED), em parceria com a Universidade do Estado do Amazonas (UEA) –, para professores da rede pública municipal, com aulas ministradas no Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos Samuel Isaac Benchimol (CEMEJA), localizado na zona Leste da cidade de Manaus.

Iniciei o curso de formação continuada para aprimoramento, em sala de aula e, para pontuação extra no processo seletivo simplificado da Secretaria de Estado da Educação e Qualidade do Ensino Estadual de Educação (SEDUC/AM). Vale destacar que a educação está em constante movimento, de maneira que os professores precisam avançar em conhecimentos, com prosseguimento na formação continuada para estar em transformação constante na busca de formas e técnicas de ensino-aprendizagem, em sala de aula. Destarte, fundamentei-me com os teóricos Freire (1996), Garcia (1999), Ausubel *et al*. (1978), Demo (2002), Freire e Horton (2005), Gadotti (2006), como embasamentos reflexivos.

Caminhos da docência

Estudei na Escola Estadual Raymundo Sá, durante todo o Ensino Fundamental e Médio, com notas que nunca surpreenderam, cumprindo os deveres e tratando professores com respeito e admiração. Gostaria de dizer que sempre sonhei em ser professora. Porém, não acreditava, sinceramente que iria muito longe nos estudos. Aos dezesseis anos, nem sabia da existência da universidade e do processo para ser professor. E como nenhum membro da família era formado, não havia exemplo a seguir. Portanto, as metas eram muito limitadas para um futuro promissor. Após finalizar o Ensino Médio, o plano era conseguir um contrato junto a prefeitura municipal de Autazes, no Estado do Amazonas para trabalhar, no cargo de serviços gerais, na mesma profissão da minha mãe, depois me casar, ter filhos e continuar naquela cidade. No entanto, a história tomou outro rumo, por intermédio do gestor da Escola Estadual Raymundo Sá que inscreveu todos os alunos no Processo Seletivo Contínuo (SPC) da UFAM, com base nos cursos referentes às disciplinas que cada aluno mais gostava de estudar. Neste caso, a escolha fora Ciências. A professora de Biologia Lucelle Dantas era incrível, com sua crença no potencial de cada estudante. Ela saia sempre do cotidiano com novidades, como aulas práticas, relatórios, leituras, na busca constante de estímulo dos alunos no desenvolvimento da pesquisa, tendo como objetivo as parcerias de trabalho.

Nossa! Foi fantástico! Quando vi pela primeira vez um microscópio óptico em sala de aula, no terceiro ano do ensino médio. É importante remarcar que ele era só de um tubo, mas ao aproximar o olho e ver aquelas pequenas hemácias, senti-me uma grande cientista. Isso nunca se esquece! E hoje compreendo o que a professora buscava nos seus alunos – a transformação. Para essas ilações, Demo (2002) assevera a necessidade de colocar abaixo aquela imagem retrógrada de sala de aula, com o ensino de técnicas de aprendizagem nada inovador sem aguçar a criatividade do aluno. Até porque, o autor salienta, em primeiro lugar, a importância de,

> desfazer a concepção tradicional de um 'aluno' como alguém submisso, propenso à ignorância, que apenas frequenta a aula para ouvir passivamente, tomar notas, absorver informações, realizar avaliações e avançar de série. Em segundo lugar, considerando o desejo de cultivar uma comunidade cidadã em vez de uma seita fechada, um grupo isolado ou um ambiente corretivo, é imperativo tratar a criança como um colaborador ativo. A abordagem educacional deve envolver a criança como um parceiro de aprendizado, enquanto o professor assume o papel de guia motivador, com precisão na orientação, nem mais, nem menos (Demo, 2002, p. 31).

Naquele mesmo ano do ensino médio, a professora Lucelle Dantas pediu a elaboração de um artigo, como última nota do curso, que escolhesse um animal, com descrição detalhada sobre ele. Um colega colocou nas referências "Google". E ela disse algo que jamais pensaria. Ano que vem vocês estarão na universidade e ainda não sabem escrever uma referência? Fui para casa pensando se realmente isso poderia acontecer, ir morar em Manaus, fazer um curso de ensino superior. Isto parecia ser algo tão distante da realidade!

Em 2014, optei pela Licenciatura em Ciências Naturais, tomando uma das melhores decisões da vida. Ao receber o resultado do PSC, percebera que tudo seria diferente, nasceria outra vez, dizendo adeus, definitivamente, para aquela Mariana sem perspectivas de vida. A mente se abriu para novas possibilidades, com a quebra de um ciclo de anos em que as mulheres da família se resumiam em donas de casa. Agora, eu incentivava outros membros da família a darem prosseguimento nos estudos de ensino superior conseguido naquele ano, por graças divinas e por méritos próprios. Nesse momento, nascia a professora Mariana, formada em Ciências Naturais. No primeiro período da faculdade, descobri que se passasse na seleção do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), não faria o estágio I e, ganharia uma bolsa mensal, no valor de quatrocentos reais. No segundo período, tive a oportunidade de me inscrever no PIBID, com aprovação, entrando em sala de aula não mais como aluna, mas como professora.

Figura 1: Aulas de Ciências no PIBID

Fonte: Acervo da autora (2015)

No último ano da graduação, ingressei no Projeto Rondon que foi o grande divisor de águas na minha vida, tornando, depois dele, uma pessoa mais grata. Pois, conheci professores que me inspiraram a não desistir da educação. O Projeto Rondon promove atividades de extensão universitária, levando estudantes voluntários às comunidades carentes e isoladas no interior do país, onde participam de atividades de caráter, notadamente assistencial, organizadas pelo governo federal. Estive como Rondonista, na Cidade de Jequiá da Praia – em Maceió, de modo que foi grandiosa a experiência como professora, mesmo que por pouco tempo. Isto me fez enxergar com os próprios olhos a existência de crianças morando em casas de pau a pique, com péssimas condições. Importa dizer que foi necessário sair de Manaus para voltar mais humanizada, com os pés no chão, mais realista para enxergar a riqueza de oportunidades oferecida nessa cidade.

Figura 2: Visitas do Projeto Rondon

Fonte: Acervo da autora (2018)

Comento sempre que as experiências como discente foram maravilhosas, com ótimos professores. Porém, deparei-me fora da universidade, com o mercado de trabalho deveras competitivo, com vários candidatos experientes ao cargo de professor, lutando por uma vaga. Ao contrário, eu precisava de alguma experiência que era um requisito fundamental para começar a trabalhar.

A sala de aula como território docente

Diante da falta de inserção no mercado de trabalho, não consegui me manter, sentindo a obrigação de voltar para Autazes e morar na casa dos avós. Nesta cidade, eu tinha uma proposta de emprego para fazer diárias para os professores, quando eles precisassem se ausentar da escola por motivos de doença ou formação continuada. Assim, ficaria responsável pela turma de alunos deles, recebendo por hora/aula trabalhada, em uma escola municipal ou estadual, em atendimento aos alunos do Ensino Fundamental anos iniciais. A princípio, imaginei que seria tranquila minha permanência com as crianças, até porque a professora regente deixou todo o

material pronto para aplicação das atividades com a turma. No entanto, o caos se instalara pela falta de experiência com a educação infantil, sem conseguir lidar com a diversidade, numa sala de quinze crianças, chamando a minha atenção o tempo todo. Importa dizer que a cada cinco minutos uma delas pedia para beber água e/ou ir ao banheiro; chorava e pedia colo; brigava e corria pela sala. Para tudo isso eu tinha de atender a todas elas, sem a mínima experiência. Eu ficava desesperada!

Uma das professoras que eu substituí me disse para ir à Secretaria de Educação da cidade, para fixar uma reunião na Semed de Autazes, levando o meu currículo para o primeiro emprego. A resposta do secretário foi que não havia vagas para a cidade de Autazes, mas que conseguiria na zona rural, pois Autazes é cercada por comunidades ribeirinhas. Poucos dias depois, ligaram-me com a notícia de que eu seria professora regente na Escola Municipal Osvaldo Fugêncio, Comunidade de Nova Esperança, quilômetro 53, Ramal do Mutuca, interior do Amazonas. Comecei a trabalhar na zona rural sem conhecer ninguém naquele lugar. Morei inicialmente, em uma casa com tantos ratos que eles carregavam, literalmente, os livros dos estudos. Foi um momento muito difícil para mim, pois eu lavava minhas roupas no rio; meu único bem era um fogão de duas bocas e, a picada de mutuca – uma mosca grande que se alimenta de sangue –, coça e dói muito mais que a picada de carapanã.

Recebi o grande desafio de ser professora de Ensino Multisseriado, para a designação de lecionar: matemática, ciências naturais, educação física, inglês e ensino religioso, para todas as crianças do Ensino Fundamental anos finais. Não nego que cogitei em desistir de tudo. Naquele momento, o que mais queria, era o aconchego da casa da minha avó, na espera de outra oportunidade. Ao ser meu primeiro ano como professora, tive receio de não dar conta de 20 diários para preencher, aulas de diferentes disciplinas sem saber por onde começar. No entanto, decidi encarar o trabalho, passando por cima de todas as minhas limitações e meus medos.

Em 2020, ainda na Escola Municipal Osvaldo Fugêncio estava com muitos outros projetos em mente, como a horta na escola. Daí, houve a paralisação devido a Pandemia de Covid-19, apresentando-se outro desafio de lecionar à distância. Importa destacar que a maioria dos nossos alunos não tinham acesso à internet. Como ter ajuda dos pais, uma vez que a maioria é analfabeta? Bom, obedecendo rigorosamente aos critérios de prevenção ao Coronavírus, utilizei máscara e álcool em gel e fui de rabetinha[3], em cada casa dos estudantes, levando e corrigindo atividades que eles desenvolviam. Foi um trabalho árduo e invisibilizado pela sociedade que sequer imagina os esforços do professor para a realização dessa atividade difícil, ao pensar única e exclusivamente, no aluno em tempos pandêmicos, colocando sua própria vida em risco.

Figura 3: Entrega de atividades e merenda escolar

Fonte: Acervo da autora (2020)

Acredito que nesses dois anos como professora ribeirinha – chamada assim por lecionar para alunos moradores às margens dos rios, em casas flutuantes –, tive experiências que impactaram tanto a minha vida quanto a dos estudantes. Eu me reinventei por eles, ir contra a distância que eles estão da cidade e plantar, da melhor

[3] Rabeta significa uma canoa, com um pequeno motor de propulsão, com velocidade de 5HP.

forma possível, no coração deles a importância e a necessidade da educação. Contudo, durante esses anos que estive no interior – além da saudade da minha família –, havia uma grande preocupação, a necessidade da formação continuada, que estando ali não conseguiria realizar, eu sabia que fazia a diferença naquela comunidade, mas tinha os meus próprios sonhos a realizar e um deles era continuar os estudos. Em dezembro de 2020, ao fim do ano letivo, anunciei minha saída do cargo, agradeci a todos, principalmente à gestora da escola e ao secretário de educação pela valiosa oportunidade de emprego. Voltei para Manaus onde me casei e já com experiência tentei mais uma vez distribuir meu currículo e não demorou muito, fui chamada para ser professora de Robótica Educacional.

Eu me considero uma pessoa criativa e inovadora, porém, nunca pensei em ser professora de Robótica. Contudo sempre utilizei o *maker* em minhas aulas e essa nova experiência me deu mais oportunidade de desenvolver meu lado criativo. Fui muito bem recebida pela empresa de Robótica Educacional *EduMaker,* sendo uma das primeiras professoras da empresa. Vale dizer que trabalhava com alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental anos iniciais, com três trilhas de aprendizado: 1) a experiência de construções e contações de histórias, com a utilização de *LEGO Education*; 2) a Linguagem XXI de Programação em plataformas on-line e; 3) a utilização de materiais recicláveis para execução de projetos *maker* muito criativos. Em todas essas atividades, os alunos desenvolviam com atenção na prática, a coordenação motora, o raciocínio lógico e, a capacidade de trabalhar em equipe, de maneira que esse trabalho me rendeu, por dois anos, muito aprendizado.

A esse respeito, os coordenadores da empresa investem muito em formação continuada. Certo dia enviaram no grupo do WhatsApp do trabalho, o edital da Pós-graduação em Gestão de Projetos e Formação Docente, lembrando-me do sonho em continuar os estudos. Passei por todas as etapas da seleção confiante da classificação. Hoje faço parte dessa turma maravilhosa com diversos professores, de

várias áreas de ensino, em que a maioria trabalha diretamente com a Educação de Jovens e Adultos.

Trajetórias na formação continuada

Durante os anos como discente vivi de fato a universidade, participando de minicurso, jornadas pedagógicas, entre outros. Porém, ao concluir o curso de Licenciatura em Ciências Naturais, o principal objetivo era o trabalho como professora da área, adiando o desejo de dar continuidade a uma Pós-graduação Lato sensu. Ainda há pouco eu falei do meu (re)nascimento – da nova Mariana. O ingresso na academia me mostrou um horizonte cheio de escolhas. E como a inquietação faz parte de mim, continuarei na busca de novos conhecimentos, até porque eu sei o que quero, hoje. Pretendo me qualificar numa Pós-graduação em nível Stricto sensu – mestrado e doutorado. Porque se a educação está em movimento, não devo ficar sem atualização constante. Nessa linha de reflexão, levo em conta a afirmação de Freire e Horton (2005), em que apreendem a formação como um processo permanente, crítico daquilo que se faz.

Iniciei uma formação em Língua Brasileira de Sinais de nível básico, com vista a me tornar uma professora mais inclusiva, por ter um membro surdo na família. Pois, soube sempre a importância e a necessidade de nos adaptar a essa comunidade e não o contrário. Quando surgiu o desafio de ser professora de Robótica fiz, também, a introdução à metodologia dos 4C's *Connect* (Conectar), *Construct* (Construir), *Contemplate* (Analisar) e *Continue* (Continuar) Lego *Education* Educação Infantil.

Projeto Oficinas de Formação em Serviço/pós-graduação: Gestão de Projetos e Formação Docente

Em maio de 2021, comecei a realizar as atividades do curso de Especialização no Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos – CEMEJA Samuel Isaac

Benchimol, que atende exclusivamente turmas da modalidade EJA. Observei que ela é diferente das escolas do ensino fundamental, sem ouvir gritos, sem barulhos e sem correria. Os alunos eram adultos e até mesmo idosos, o que me deixou pensativa se um dia eu fosse professora deles, como seria ensinar alguém mais velho que eu. É importante remarcar que essa escola fica bem distante da minha casa. E mesmo assim, escolhi, por motivos de horário, para ministrar as aulas à noite. Ao chegar no CEMEJA, encontrei vários professores no auditório lotado. Eu me sentia muito contente de fazer a minha primeira especialização, em uma instituição que sempre admirei e que não pagaria nada por isso. Estava disposta a dar o melhor de mim, fazendo todos os trabalhos, não faltando às aulas, interagindo com meus colegas e professores, alimentando-me, ao máximo, de todo conhecimento e tentando colocar em prática no meu dia a dia.

No edital da UEA, li que um dos requisitos seria fazer uma contrapartida em horário oposto as minhas aulas no Programa de Assistência à Docência (PAD), em que tive a oportunidade de lecionar em algumas turmas do Centro Municipal de Educação infantil Argentina Barros, levando um pouco do meu conhecimento em robótica e contação de história.

O Projeto OFS: Construção e desenvolvimento do projeto de formação

É importante destacar que nos primeiros meses do curso de especialização havia duas classes de professores, de um lado do auditório os professores regentes da escola e de outro os professores egressos. Durante as aulas presenciais, eram feitas perguntas a fim de nos conhecer melhor, uma vez que a formação do curso em Gestão de Projetos e Formação Docente é construída pelos professores e formadores, por meio de pesquisa de campo, realizada em conjunto com a comunidade escolar. Porém, observei que quando as perguntas eram direcionadas para os professores regentes, apenas a pedagoga da escola respondia sempre de

uma forma positiva. Tentando solucionar esse problema, a professora Maria Olindina Andrade de Oliveira solicitou da professora Carla de Souza Santos Gonçalves o desenho de uma árvore que expressasse a realidade do CEMEJA e que motivasse os professores para falar das suas reais vivências, sendo elas, boas ou ruins.

Figura 4: Árvore CEMEJA

Fonte: OFS (2020)

A aula aconteceu em uma sala, com as cadeiras organizadas em meia lua, deixando o ambiente amigável e acolhedor, permitindo uma aproximação e mesclagem de professores. Dessa forma, foi nos apresentado o desenho da árvore CEMEJA que, após ser distribuído um papel, descrevemos a imagem vista no quadro, voltada para a educação no CEMEJA. Para a surpresa de todos, os professores regentes da escola apresentaram as suas aulas de diferentes formas, dentre elas, por meio de poesias, provocando as mais diversas criatividades para a elaboração de aulas aos futuros alunos. Mesmo ainda com um pouco de resistência, destacamos os

pontos fortes e fracos da escola, permitindo às professoras formadoras do curso, uma visão mais clara e direcionada aos reais problemas daquela instituição de ensino. Como reforço às reflexões, ajuntamos as afirmações de Gadotti (2006) que aponta a abordagem inovadora de encontrar suas raízes no conflito, em que um elemento provoca o surgimento do pensamento crítico. Os momentos de conflito nos compeliram a examinar nossas práticas, gerando uma transformação social por meio da conscientização. O pensamento crítico floresce no contexto do diálogo que não almeja consenso, conduzindo à reflexão.

Dessa forma, podemos nos certificar que o exercício em dupla e em grupos efetua grande importância no trabalho formativo, uma vez que os alunos terão a oportunidade de trabalhar juntos e se conhecerem melhor, na troca de conversa, de olho no olho, de partilha de suas vivências e conhecimentos. É claro que pode haver dificuldade na integração de grupos, devido à diversidade de valores e culturas existentes. Porém, isso modifica com o tempo, resultando no interesse de todos, por intermédio das ações do professor, na condução das aulas, propondo situações que promova harmonização dos envolvidos. Nesse contexto, as professoras Maria Olindina Andrade e Carla Gonçalves utilizaram a arte, de forma leve, humana e descontraída para tratar questões sérias com suavidade, deixando os professores confortáveis, mais seguros e mais próximos uns dos outros. Essa parceria de história e arte proporcionou maior equilíbrio e leveza às formações. Visto que elas planejavam e discutiam juntas, suas metodologias, em um clima ameno de amorosidade e de delicadeza, entre as formadoras. Além de bom humor, é claro! O projeto formativo do Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos – CEMEJA foi construído a partir da matriz problematizadora, composta por informações coletadas de pesquisa realizada com a comunidade escolar. Desta forma, destaco três problemas em relação: 1) ao letramento – que diz respeito à dificuldade dos alunos no processo de leitura e escrita, atrelado à falta de conhecimento dos professores sobre como

alfabetizar um público adulto de estudantes dessa modalidade tão específica; 2) ao uso das tecnologias – que os professores e os alunos precisam conhecer essa ferramenta tão indispensável para a sociedade e para essa clientela, especialmente, participando das aulas presenciais e on-line – o CEMEJA possui a especificidade de um currículo 40% presencial e 60% remoto – e; 3) à problemática da diversidade típica dos estudantes da EJA.

Por vários motivos, esses sujeitos não tiveram acesso à educação, como: gravidez indesejada; uso de drogas na adolescência; faixa etária avançada; arrimo de família; depressão; violências conjugais; entre outros. Ao acompanhar essa lógica de argumentação, a LDB assegura, no Artigo 37, § 1°, aos jovens e adultos o ensino gratuito, "que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames" (Brasil, 2006, p. 5).

Mediante a tais informações o projeto formativo dos professores do CEMEJA ficou organizado em três oficinas e dividido da seguinte maneira: 1) Oficina de Formação de Tecnologias Interativas Aplicadas à Educação; 2) Oficina de Formação de Metodologias de EJA e; 3) Oficina de Formação Interdisciplinar de Alfabetização e Letramento, destinando dois encontros para cada oficina.

O Projeto OFS: construção e desenvolvimento dos projetos de aprendizagens

O projeto de aprendizagem que eu participei, desenvolveu-se as atividades, por um grupo de sete professores cursistas da Pós-graduação na turma 4D, em seis partes. Inicialmente, os integrantes da turma apresentaram temas relevantes sobre o meio ambiente, por meio da realização de *brainstorming* – uma tempestade de ideias com os alunos, para ouvir e acolher seus interesses e suas necessidades de

conhecimento. Após uma votação entre os estudantes presentes, chegou-se ao tema "Plantas Medicinais".

No momento seguinte, houve uma pesquisa de sondagem de conhecimentos prévios dos estudantes a respeito do tema escolhido, criando oportunidade de os estudantes se expressarem dando voz a todos eles. Nessa linha de raciocínio, Freire (1996) mostra o educador que "escuta, ... [aprende] a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele" (Freire, 1996, p. 43). Notei que a maioria dos estudantes tiveram interesse pelo assunto, por fazer uso de plantas medicinais no seu cotidiano, sem o entendimento da história e nem de seus compostos químicos. Decerto, percebi que isso seria uma excelente oportunidade de trabalhar um tema da realidade dos estudantes amazônicos, dando-lhes vez e voz, para uma aprendizagem mais significativa. E Ausubel *et al*. (1978) asseveram que se tivessem de diminuir toda a psicologia educacional, dizendo em um princípio, somente: "o fator isolado mais importante influenciando a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já sabe. Descubra isso e ensine-o de acordo" (Ausubel *et al*., 1978, prefácio).

Com base a minha equipe de pesquisa, montamos uma aula teórica para esclarecer as principais dúvidas, partindo para a prática que foi o ápice de nosso trabalho. Em sala de aula, montamos as moléculas do bolbo, como exemplo, realizando a seguir a Oficina de desenho e a Oficina de pintura, dando luz a muita criatividade. Após todo esse processo de ensino e aprendizagem concluímos nossa pesquisa com uma linda amostra com todos os trabalhos realizados.

Considerações finais

Sou professora não unicamente na escola, mas na igreja e na minha casa. Meus projetos de vida são embasados no que um dia escolhi para mim. Tenho orgulho de tudo o que construí nessa pequena jornada trilhada até aqui. E escrever sobre

minhas memórias mais profundas, trouxeram-me um sentimento de gratidão, enorme. Todas as minhas vivências tanto na universidade, quanto nas escolas que trabalhei – como professora ribeirinha de multisseriado e como professora de robótica educacional –, contribuíram para a profissional que sou hoje. Sei que ainda tenho muito o que aprender – assim como os cursos que já realizei voltados para educação –, para o enriquecimento do meu currículo. Sempre ouvi que o médico nunca deixa de estudar. Na verdade, todos os profissionais precisam se qualificar continuamente, para ajudar na resolução de problemas e, na superação de limitações. Desse modo, as pessoas se tornam mais flexíveis, conseguindo de maneira mais fácil se adaptar aos diferentes ambientes e, às diversas atividades ou situações.

Com grande alegria, estive como professora egressa no Curso de Especialização de Gestão de Projetos e Formação Docente, durante dois anos de muita reflexão sobre minhas atitudes como professora em aulas enriquecedoras, que fizeram a diferença em minha vida. Hoje, procuro a humanização nos espaços educacionais que me insiro, uma vez que entendo de os estudantes serem diferentes uns dos outros, em que cada um tem o seu tempo e sua história. Tenho problemas a vencer em sala de aula como o processo de leitura, escrita, interpretação de texto e conhecimento sobre as novas tecnologias. No entanto, eu me sinto, hoje, apta a desenvolver projetos para impulsionar os alunos às novas descobertas. E corroboro com as orientações de Garcia (1999), entendendo os processos interdisciplinares, contidos num simples projeto de aprendizagem que participei ativamente. A formação de professores deve ser de maneira humanizada, concebendo-a como um processo contínuo – sem um ponto de término definitivo, sem o limite apenas da fase inicial –, estendendo-se ao longo de toda a carreira profissional do professor. Finalizo com gratidão à instituição pelo desenvolvimento do Projeto Oficina de Formação Continuada em Serviço por propiciar formação continuada extensiva, aos alunos

egressos da Universidade do Estado do Amazonas e, especialmente pela dedicação dos professores formadores que compõem esse grupo.

Referências

AUSUBEL, D. P., NOVAK, J. D., HANESIAN, H. **Psicologia educacional**. 2. ed. Rio de Janeiro: Interamericana. 1980. 625p.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: https://www.jusbrasil.com.br/diarios/1541965/pg-5-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-23-12-1996. Acesso em: 27 ago. 2023.

CORREIA, J. T. **Inovação Pedagógica e Formação de Professores**. 2. ed. Rio Tinto/Portugal: editora ASA, 1991.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. Campinas: Editora Autores Associados, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática docente. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P.; HORTON, M. **O caminho se faz caminhando**: conversas sobre educação e mudança social. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GADOTTI, Moacir. **Pensamento Pedagógico Brasileiro**. 8. ed. São Paulo: Atica, 2006.

GARCIA, C. M. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Portugal: Porto editora, 1999.